

**Artigo original****MODELOS DE GESTÃO, FORMAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO DO BIBLIOTECÁRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA****André de Souza Pena***Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil*

RESUMO: A resignificação do papel do bibliotecário considerando a enorme transformação ocasionada pela pandemia se faz necessária. O mundo e, sobretudo, os trabalhadores nos últimos anos já vinham sofrendo com os ataques aos direitos trabalhistas, agravados a partir da última grande crise econômica mundial em 2008 e dos efeitos da pandemia da Covid-19 que se espalhou pelo mundo a partir de 2020. Diante desse cenário, o presente estudo apresenta uma interpretação da formação e do mercado de trabalho do bibliotecário diante do avanço dos modelos de gestão que pioraram as condições de trabalho desse profissional e as novas denominações como analistas da informação tampouco conseguiram melhorar a inserção da denominada e controversa família profissionais da informação. Ao contrário, corre-se o risco com as mudanças curriculares e o enfoque das escolas de formação ocasionar perdas identitárias e de direitos para a categoria, dificultando uma boa inserção tanto dos homens quanto das mulheres no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Biblioteconomia, Covid-19, Formação profissional.

MANAGEMENT MODELS, TRAINING AND THE LIBRARIAN'S LABOR MARKET IN TIMES OF PANDEMIC

ABSTRACT: The re-signification of the librarian's role considering the huge transformation caused by the pandemic is necessary. The world and, especially, workers in recent years had already been suffering from attacks on labor rights, aggravated by the last major global economic crisis in 2008 and the effects of the Covid-19 pandemic that spread around the world from 2020. Given this scenario, this study presents an interpretation of the training and the labor market of librarians in the face of advancing management models that have worsened the working conditions of these professionals, and the new denominations as information analysts have not managed to improve the insertion of the so-called and controversial family of information professionals. On the contrary, there is a risk that curricular changes and the focus of training schools will lead to loss of identity and rights for the category, making it difficult for both men and women to be well inserted in the labor market.

Keywords: Librarianship, Covid-19, Professional training.

Correspondência para: (correspondence to:) andre.pena@ufr.edu.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fornecer pontos de referência sobre a questão da formação, mercado de trabalho e alguns elementos da identidade do bibliotecário numa perspectiva retrospectiva e prospectiva. Os conceitos são tratados à luz das transformações no capitalismo acrescidos dos impactos da crise sanitária.

A repercussão da pandemia se deu também pela compreensão de que a Covid-19 está associada a várias outras doenças pré-

existentes e não transmissíveis, sendo caracterizada como uma sindemia (HORTON, 2020). Isso significa que combater a Covid-19 pressupõe também o combate à hipertensão, obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e respiratórias crônicas e câncer. A implicação desse fato para as ciências sociais e a sociedade como um todo é descrita por Horton (2020), a saber:

A consequência mais importante de ver a COVID-19 como uma sindemia é sublinhar suas origens

sociais. A vulnerabilidade dos cidadãos mais velhos; Comunidades étnicas negras, asiáticas e minoritárias; e trabalhadores-chave que são comumente mal pagos com menos proteções de bem-estar apontam para uma verdade até agora mal reconhecida - a saber, que não importa o quão eficaz seja um tratamento ou vacina protetora, a busca por uma solução puramente biomédica para COVID-19 falhará. (HORTON, 2020, p. 874, tradução nossa).

A questão da desigualdade que ocasiona a pobreza no mundo torna-se ainda mais premente, pois o vírus atinge os mais vulneráveis. Com isso, se mesmo antes da pandemia já havia necessidade de uma pesquisa mais voltada para a dimensão social, com a pandemia a inflexão é ainda mais urgente. Santos (2020b, s/p) sentencia que findou o tempo dos intelectuais de vanguarda. “Os intelectuais devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar”.

A pandemia demonstrou a limitação das previsões com modelos teóricos distantes da realidade histórica, bem como o equívoco das sociedades serem direcionadas por modelos econômicos. Grande parte dos economistas entendem o sistema de saúde como custo, a consequência foi a limitação dos gastos públicos com saúde e educação. Entretanto, “a saúde é o único setor onde o progresso técnico aumenta os custos, porque temos que dar acesso a esse tratamento inovador a todos, e que há sempre novas doenças para combater” (BOYER, 2020, s/p). Portanto, é um erro tentar baixar o custo da saúde, mesmo não sendo este o desejo de parte da opinião pública, mas ainda são os preceitos dos economistas¹ que conduzem a política baseada na ortodoxia neoliberal.

Nesse contexto, Boyer (2020), visualiza

nessa crise algo totalmente novo, sem precedentes e, portanto, as abordagens anteriores tornaram-se inviáveis. O autor² reconhece seu próprio equívoco em compreender a dinâmica em que os empregos precários, de baixa qualificação e pouca produtividade, levariam a uma crise estrutural do modo de produção capitalista. Ou seja, segundo o autor foi um erro pensar que o capitalismo está em crise, a pandemia mostrou que saiu mais fortalecido.

Os gigantes da tecnologia, Google, Apple, Facebook, Amazon (GAFA) são empresas que tiveram mais lucro ainda com a pandemia. “Os GAFA não estão preocupados com a produção ou atualização de competências – agem como predadores no mercado de competências, transnacionalmente” (BOYER, 2020, s/p).

Esta lógica econômica, acentuada pela pandemia, suscitou o Estado como o único capaz de proteger da pobreza e da degradação ampla parcela vulnerável da sociedade. Então, a onipotência digital, transnacional e financeira dos GAFA suscitou os vários capitalismo de Estado, sendo a China a mais completa expressão deste modelo, dispostos a defender suas empresas no interior de suas fronteiras (BOYER, 2020).

Por outro lado, no próprio Estados Unidos a saúde é o setor de maior investimento desde os anos de 1930 e, a partir dos anos de 1990, os setores de saúde, educação e cultura tem gerado mais empregos que a indústria, cujos empregos vem diminuindo (BOYER, 2020). Isso resulta numa expectativa de transformação do modo de consumo e de vida de agora em diante, talvez a pandemia traga uma centralidade para os cuidados em saúde, cultura e educação ao invés do consumo voltado a renovação constante de equipamentos eletrônicos e automóveis, por exemplo. Nesse sentido, a área de biblioteconomia, que tem uma relação direta sobretudo com a dimensão cultural e educacional através

das bibliotecas necessita se posicionar diante desse cenário.

Desde o início da pandemia a área de Biblioteconomia produziu vários trabalhos, em geral voltados para compreender quais ações as bibliotecas adotaram para enfrentar o vírus (TANUS e SÁNCHEZ-TARRAGO, 2020), passando pela adoção de protocolos para funcionamento presencial (SANTOS, 2020a; WELICHAN e ROCHA, 2020) até a aquisição de livros eletrônicos para manter o atendimento remoto (CUNHA, 2020) e incentivo ao uso das redes sociais e outras formas que possibilitem a interação com os usuários (PAULA, SILVA e WOIDA, 2020). Na questão da atuação profissional houve um esforço coletivo, organizado por Spudeit e Souza (2020) no sentido de pensar os espaços dos arquivos, bibliotecas e museus diante da pandemia.

Considerando que ainda há uma lacuna de estudo na área e dado o enorme desafio trazido pela última grande crise do capitalismo em 2008³, agravada pela pandemia da Covid-19, faz-se necessário uma análise baseada em evidências para ajudar a responder as seguintes questões: Como os modelos de gestão, decorrentes da dinâmica do trabalho no capitalismo afetaram a identidade do bibliotecário sobretudo através das escolas de formação desse profissional? E em que medida tais transformações nos modelos de gestão tem afetado o mercado de trabalho do bibliotecário particularmente considerando os impactos da pandemia?

METODOLOGIA

Dado a complexidade de contemplar a questão da formação e mercado de trabalho na constituição identitária do bibliotecário, apresenta-se nesta seção alguns desafios e o relato da metodologia utilizada. A principal questão desafiadora foi de ordem teórica, pois o trabalho enfrenta uma discussão sobre a dimensão educativa contemplando em alguma medida o Curso de Biblioteconomia da Universidade

Federal de Minas Gérias (UFMG), dado sua representatividade em âmbito nacional, porém não se pretendeu uma análise exaustiva de todo o currículo considerando-se, basicamente, uma experiência de ensino na graduação⁴, bem como os trabalhos de Boltanski e Chiapello (2009) e Crivellari (2003a; 2003b). Além disso, o estudo de caso de Ortega e Carvalho (2017) da Escola de Ciência da Informação da UFMG foi considerado como fundamento bibliográfico.

O estudo adota ainda proximidade bibliográfica ao trabalho de Pires e Paula (2022) ao discutirem sobre a influência do currículo na estruturação do poder nos cursos de biblioteconomia definidos, em geral, por homens. Porém, o presente trabalho traz um pressuposto distinto de Pires e Paula (2022), ao presumirem que a presença feminina na profissão bibliotecária aumentou o caráter técnico dos cursos reduzindo o prestígio do campo, atribuído a uma possível erudição dos homens nos primórdios da atuação bibliotecária. A hipótese é que a regulação do Estado, bem como uma relação educativa exitosa, ao garantirem uma melhor inserção no mercado de trabalho asseguram prestígio particularmente para os funcionários da burocracia⁵.

Uma explicitação metodológica final se faz necessária. A Família Profissionais da Informação na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), na versão 2002, é subdivida em três grandes categorias: os Bibliotecários; Documentalistas e os Analista de informações (pesquisador de informações de rede). A denominação Bibliotecário não é sinônimo do pretensioso nome Cientista da informação (DIAS, 2000) tampouco com o termo genérico e controverso Profissional da Informação (PENA e CRIVELLARI, 2018). Há, de fato, correspondência com a denominação de Biblioteconomista, Bibliógrafo e/ou Documentalista (cabe destacar que o nome do cargo nas instituições federais de ensino superior é:

Bibliotecário-Documentalista), sendo adotado doravante apenas a denominação de bibliotecário. Por outro lado, analista de informações ou pesquisador de informações de rede não tem relação direta com o trabalho em biblioteca, centros de documentação e centros culturais. A metodologia deste estudo, portanto, consiste na possibilidade de analisar, com dados mais recentes, os efeitos da pandemia no emprego através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), permitindo verificar e comparar isoladamente os bibliotecários com os analistas de informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mercado de trabalho da família profissionais da informação

É possível notar certa influência da pandemia no número de profissionais ocupados no setor formal ligados à cultura e a informação. O número de bibliotecários vem aumentando, passou de 11.316 para 15.783 vínculos formais de empregos com as políticas de fortalecimento do Estado entre os anos de 2005 e 2015 (Figura 1). De 2015 a 2020 o aumento foi bastante

pequeno, muito possivelmente pela não reposição dos profissionais decorrente de aposentadorias e/ou falecimentos com a pandemia e agravamento das políticas neoliberais de não reposição dos quadros. Já os analistas de informações tiveram crescimento significativo durante todo o período, passando de 2.625 vínculos em 2005 para 14.652 em 2020, provavelmente devido as possibilidades do trabalho ligados ao setor de tecnologia.

Uma das hipóteses levantadas por Pena, Crivellari e Neves (2008) foi do crescimento do número de bibliotecários do sexo masculino em função dos avanços tecnológicos. De certa forma, isso está representado na Tabela 1. Enquanto os bibliotecários é a categoria com presença maciça do sexo feminino (75%), com apenas 25% dos profissionais do sexo masculino, confirmando a ideia de uma profissão eminentemente feminina. Entretanto, já para os analistas de informações o percentual se inverte, a maioria destes profissionais é composta pelo sexo masculino (55%), apesar de o número de mulheres ser importante (45%).

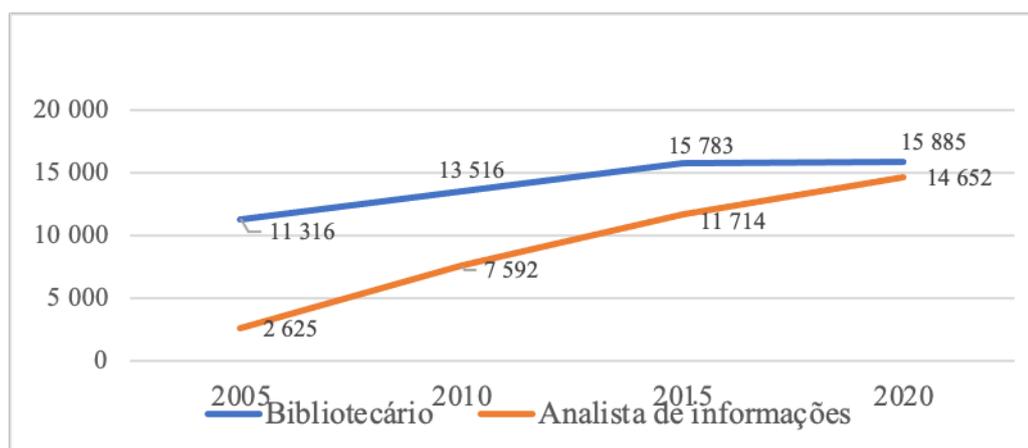


FIGURA 1: Número de vínculos formais da família Profissionais da Informação

Fonte: RAIS, 2020

Na crise as mulheres são as mais afetadas, sem embargo em estudo anterior foi possível notar que as desigualdades salariais de gênero dos bibliotecários são menores no setor público do que no setor

privado (PENA, 2018). Nota-se na Tabela 2 a presença dos bibliotecários nas melhores faixas de remuneração quando comparado aos analistas de informações, pois cerca de 25% dos bibliotecários

percebem entre 7,01 e 15 salários-mínimos, enquanto na faixa de 2,01 a 4 salários-mínimos a maioria é composta de analistas de informações (35%). Isso significa que a faixa com menores remunerações são ocupadas pelos analistas de informações, contrariando a máxima de que a chamada sociedade da informação poderia trazer uma configuração mais positiva para os profissionais, em especial com o aumento da presença masculina.

Analisando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), versão 2.0 Seção, conforme a Tabela 3 é possível notar a presença da família profissional da informação em todos os setores de atividade econômica. No entanto, em termos percentuais no caso do bibliotecário a representatividade maior se dá na Administração Pública com 2.970 vínculos (19%) e, particularmente, na Educação com 6.343 vínculos (40%). Os dados demonstram que os bibliotecários atuam, majoritariamente, no setor público e especificamente na área de Educação. Os demais setores apresentam uma dispersão maior e de pouca representatividade, como o ramo das Atividades Administrativas e

Serviços Complementares (1.216 ou 8% dos vínculos), que no nível mais desagregado nota-se que representa Atividades de Cobrança e Informações Cadastrais, ramo de atividade de pouca afinidade para com a formação superior oferecida nos Cursos de Biblioteconomia.

A situação dos analistas de informação é bem identificada ao se observar os setores de atuação. A grande maioria, 8.338 (57%), está vinculada a Atividades Profissionais, Científicas e Técnicas. Contudo, no nível desagregado é possível perceber que se trata de atividades particularmente de consultoria, ou seja, projetos com duração determinadas e menos direitos trabalhistas, além de reduzida capacidade de negociação por falta de representação de classe. Na concepção de Mazzucato (2020) as conquistas trabalhistas, consequência da luta dos sindicatos e movimentos dos trabalhadores, como jornada de oito horas, fim de semana, licenças são inovações sociais tão importantes quanto os antibióticos, o microchip e a internet.

TABELA 1: Sexo da família Profissionais da Informação

Sexo	Bibliotecário	%	Analista de informações	%
Masculino	4.046	25	8.118	55
Feminino	11.839	75	6.534	45
Total	15.885	100	14.652	100

Fonte: RAIS, 2020

TABELA 2: Faixa de rendimento médio em salários-mínimos da família Profissionais da Informação

CBO Ocupação 2002	Até 2,00	2,01 a 4,00	4,01 a 7,00	7,01 a 15,00	15,01 a 20,00	Mais de 20,00	{ñ class}	Total
Bibliotecário	2.798	4.290	3.888	3.954	452	270	233	15.885
%	18	27	24	25	3	2	1	100
Analista de informações	2.853	5.143	3.707	2.441	158	62	288	14.652
%	19	35	25	17	1	0	2	100

Fonte: RAIS, 2020

TABELA 3: Família profissionais da informação nos setores de atividade econômica

CNAE 2.0 Seção	Bibliotecário	%	Analista de Informações	%
AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA	14	0	20	0
INDÚSTRIAS EXTRATIVAS	77	0	5	0
INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO	934	6	371	3
ELETRICIDADE E GÁS	44	0	21	0
ÁGUA, ESGOTO, ATIVIDADES DE GESTÃO DE RESÍDUOS E DESCONTAMINAÇÃO	30	0	1	0
CONSTRUÇÃO	348	2	112	1
COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	410	3	588	4
TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	258	2	91	1
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	19	0	10	0
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	615	4	2.340	16
ATIVIDADES FINANCEIRAS, DE SEGUROS E SERVIÇOS RELACIONADOS	367	2	834	6
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS	79	0	4	0
ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS	956	6	8.338	57
ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES	1216	8	970	7
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	2.970	19	214	1
EDUCAÇÃO	6.343	40	392	3
SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS	409	3	119	1
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO	148	1	24	0
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	646	4	197	1
ORGANISMOS INTERNACIONAIS E OUTRAS INSTITUIÇÕES EXTRATERRITORIAIS	2	0	1	0
Total	15.885	100	14.652	100

Fonte: RAIS, 2020

Percebe-se, porém, que a ideologia da lógica neoliberal impulsionada pelas inovações tecnológicas desvaloriza os avanços sociais da legislação do trabalho. Wolff (2020), analisando editais brasileiros de incentivo a criação de *startups*, empresas de base tecnológica, verifica que poucas têm chance de se tornarem negócios de escala e milionários, sonho de boa parte delas. Ao contrário, servem muito mais para agenciar empregos por projetos, que alimentam o processo de terceirização, contribuindo sobremaneira para aumentar a influência das grandes cadeias de valores, tudo isso com o subsídio do Estado.

Ainda sobre a flexibilização do trabalho, Lima (2020) entrevista trabalhadores ligados à produção de softwares na região de Campinas em São Paulo e de Campina Grande na Paraíba e identifica que o discurso do empreendedorismo permanece, mas não para todos. Uma parte dos trabalhadores, principalmente os mais velhos, se reconhecem na condição de assalariados, sendo os salários mais baixos na região nordeste; o trabalho é realizado por projeto, com alta rotatividade e, assim, potencializa problemas de saúde, e a sonhada flexibilidade se restringe ao horário de trabalho e, para poucos, o *home office*. Nesse sentido, Oliveira e Crivellari

(2013), comparando profissões, verificaram que os analistas de tecnologias da informação⁶ têm menos estabilidade e reconhecimento profissional comparativamente aos bibliotecários e contadores em função da regulamentação profissional dos dois últimos.

Já Saldanha (2020, p. 121), em estudo teórico de interpretação histórica da Ciência da Informação, diz que a questão da denominação profissional ou da área não é tão relevante e sinaliza: “quase uma década depois das alterações, os bibliotecários continuam atuando, no plano de Belo Horizonte, respondendo pelas necessidades e práticas de seu tempo na arena informacional, independente do nome que trazem”. Não obstante, a atuação dos bibliotecários se dá pelo valor simbólico do reconhecimento social da biblioteca como instituição mantenedora do livro, objeto fundamental do patrimônio cultural. Para além disso, o trabalho dos bibliotecários se garante mais pelas políticas de regulação do Estado associada a intervenção das instituições representativas da classe (Conselhos, Sindicatos e Associações) do que exatamente por uma atuação espontânea em decorrência das demandas do mercado⁷. Ademais, ainda em Belo Horizonte, houve manifestação dos alunos em relação a mudanças do nome do curso e de redução das disciplinas de caráter humanista no currículo, pois não é apenas um nome que está em questão, mas a identidade e a manutenção da profissão:

[...] chamar o bibliotecário de bibliotecário e o curso de Biblioteconomia pelo seu nome é um posicionamento político e uma forma de abraçar efetivamente a profissão com todo seu potencial de atuação. É valorizar a Biblioteconomia e seus profissionais exatamente por aquilo que são. Mudar o nome do curso para alcançar o mercado, assim como esse movimento de afastamento das questões sociais e políticas é uma forma de

diagnosticar que precisamos urgentemente fazer uma autoavaliação a fim de responder à seguinte questão: a quem serve o bibliotecário formado na Universidade Federal de Minas Gerais? (MUSSOLINI, 2019, s/p)

Do planejamento às novas formas de gestão no capitalismo contemporâneo: implicações para a relação educativa na biblioteconomia

A história do planejamento, ao menos no ocidente, está relacionada as tentativas de resolução dos graves problemas de saúde pública, presentes nas grandes cidades do século XIX. No Brasil, no mesmo período, aparece a noção de planejamento regional, utilizado principalmente para combater as secas no Nordeste (CAVALCANTE e CAMPOLINA, 2020). Isso indica que a noção de planejamento é um dos temas centrais para pensar a gestão de questões sanitárias e em um sentido mais amplo, constituindo conceito e prática para enfrentar os problemas da sociedade de acordo com as suas necessidades prementes, sendo a situação da pandemia a maior expressão atual.

É preciso observar que, antes mesmo da pandemia, o capitalismo já apresentava uma desregulação e, com isso, a noção de planejamento adquiriu nova conotação com impactos diretos na dimensão educacional. Em um amplo estudo do tipo bibliométrico, Boltanski e Chiapello (2009) indicam que a literatura da área de gestão nos anos 1960 apresentava mais foco na eficácia das políticas públicas e a participação fundamental do Estado, refletindo em uma consonância entre os funcionários das grandes empresas e os funcionários públicos, assim “esperava-se poder fazer de todo engenheiro competente um gerente de projeto, graças a um bom ‘sistema de administração’ (**bom planejamento** e bom processo de fixação de metas)” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 109, grifos nossos). Este cenário vale não apenas para o engenheiro, como também para o bibliotecário enquanto um

dos representantes da categoria dos funcionários públicos, que tinha no planejamento das atividades das bibliotecas uma de suas principais marcas de atuação.

Já a literatura a partir dos anos 1990, ao contrário, enfoca uma possível fragilização do Estado-providência, apregoa a perspectiva da gestão direcionada para uma visão de curto prazo, com a promessa de maior liberdade e flexibilidade, embora restrita aos altos executivos. Com essa ideologia, a noção de carreira deixa de ser central, cabe ao indivíduo desenvolver sua “empregabilidade”, já que sobressai uma lógica voltada para o trabalho por projetos, e cada um deles oferece a possibilidade de conhecer novas pessoas, ser apreciado, e poder participar de outro projeto. “Cada projeto, diferente, novo e inovador por definição, apresenta-se como uma oportunidade de aprender e enriquecer competências que se tornam trunfos na busca de outros contratos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 125).

De certo modo, a literatura em Ciência da Informação também absorveu esta nova lógica do capitalismo através da incorporação da gestão da informação e/ou do conhecimento como uma nova técnica de gerência a partir dos 1990. Este movimento de gestão da informação assume uma ideologia através de autores de destaque na área de gestão como Drucker (1994 apud NEHMY e PAIM, 2003), ao apontarem um “novo” modo de vida social em que o conhecimento tornou-se um ativo econômico mais importante que o próprio capital, a terra e até mesmo a força de trabalho, sendo possível notar que:

Em textos apologéticos sobre a ‘gestão do conhecimento’ a ideia de uma ‘inteligência organizacional’ parece prescindir dos trabalhadores, já que a preocupação principal concentra-se na ideia de extração do conhecimento por eles desenvolvido e neles contido. Faz

sentido, então, a crescente precariedade dos atuais padrões de relações de trabalho, e não apenas no Brasil, como demonstram diversos estudos (CRIVELLARI, 2003a, p. 99).

Mesmo com maior peso dos autores americanos, alguns autores japoneses também tiveram uma expressão importante na defesa da superioridade da gestão do conhecimento. Porém, os estudos não exaltam o aspecto da experiência japonesa ter sido exitosa na medida em que houve maior valorização dos funcionários, principalmente com reajuste salarial por antiguidade, gerando ao final maior produtividade e um “círculo virtuoso”, mesmo que com características distintas do fordismo americano (CORIAT, 1991; 1995 apud CRIVELLARI, 2003a). A discussão permanece na área de ciência da Informação, como demonstra o trabalho de Pereira, Barbosa e Duarte (2020) sob influência teórica de autores voltados para a área de gestão do conhecimento no ambiente empresarial⁸. Assim, incorre-se no risco de tais modelos de gestão serem distantes da realidade concreta das bibliotecas e, conseqüentemente, numa formação desvinculada da identidade do bibliotecário.

O conceito de relação educativa ajuda a elucidar a dinâmica do ensino e suas relações com as instituições e o contexto social. A “relação educativa”, teoria desenvolvida no âmbito da Escola Francesa de Regulação (BOYER e CAROLI, 1993 apud CRIVELLARI, 2003a), identifica o processo de formação como coletivo, concatenando o Estado, as empresas empregadoras, a escola, sindicatos, conselhos e associações profissionais, assim como os próprios detentores do direito ao diploma (alunos). No âmbito da Biblioteconomia é possível verificar que:

O caso da escola de Belo Horizonte é paradigmático. A cinquentenária Escola de Biblioteconomia da UFMG e

o seu consolidado curso de mestrado em Administração de Bibliotecas tiveram, na virada do século XXI, seus nomes e ênfase alterados para Ciência da Informação. No país, várias outras escolas seguiram este mesmo movimento (CRIVELLARI, 2003b, p.13).

Além da pós-graduação houve mudança no nome do prédio para Escola de Ciência da Informação (ECI), com isso a graduação também sentiu os efeitos desta transformação. No nível micro da relação educativo na área de biblioteconomia percebe-se que a noção de planejamento se submete ao conceito de gestão da informação presente no nome do curso. De fato, no Projeto Pedagógico de 2008 consta o nome do curso como “Biblioteconomia e Gestão da Informação”, com redução de três disciplinas obrigatórias denominadas “Administração de Unidades de Informação” (I, II e III) para duas disciplinas obrigatórias, sendo uma de “Gestão de Unidades de Informação” e a outra de “Planejamento em Unidades e Sistemas de Informação” (UFMG, 2008). Porém, a relação de planejamento com sistemas de Informação remete a dimensão tecnológica, tendo em vista que na própria UFMG há um curso superior nesta área com abordagem centrada nas denominadas ciências exatas, mais distante da dimensão cultural e educacional inerente às bibliotecas.

Outro trabalho, de caráter bibliográfico, fundamentado em estudo de caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG (ORTEGA e CARVALHO, 2017) verifica a importância dos estudos bibliográficos na ECI até os anos 1970. A partir de 1985 o currículo deixou de utilizar o nome Bibliografia, sendo apenas conteúdo das disciplinas ligadas a Fontes de Informação e uma de Controle Bibliográfico, esta última com o escopo reduzido a partir de 2009. Vieira e Lima (1977, p. 132 *apud* ORTEGA e CARVALHO, 2017) demonstram que o conhecimento

particularmente da “Bibliografia Brasileira” possibilitaria um retorno aos primórdios da profissão ao permitir os bibliotecários uma maior aproximação com o conteúdo dos livros e não apenas com a dimensão técnica do seu próprio armazenamento. Nessa direção Ortega e Carvalho (2017) e Ortega (2021) percebem que próprio conceito de Ciência da Informação no Brasil é mais impreciso do que Bibliografia, Biblioteconomia e Documentação.

De fato, para os bibliotecários verifica-se uma maior concretude na gestão dos livros (impressos e/ou eletrônicos) enquanto bibliografias e documentação em geral do que exatamente com a ideia genérica de informação, até porque a informação⁹ não é suficiente, sendo o conhecimento um complemento necessário (LANKES, 2021) e, de forma mais ampla, a dimensão da cultura. A bibliografia, remete ao conceito de informação registrada, que passa sob o crivo de outros pesquisadores. Com isso, apresenta maior garantia de veracidade e, desse modo, pode auxiliar em tornar as pessoas mais cultas para lidar com o excesso informacional atual, por vezes identificado como “científico”.

Diante da catástrofe acentuada pela pandemia e reconhecendo o caráter social da biblioteconomia, a proposição de uma concertação coletiva no sentido de dar voz aos atores envolvidos no processo de formação do bibliotecário parece ser o caminho para que continue a desenvolver de forma mais efetiva seu histórico papel de conduzir o povo no sentido de avançar na cultura e educação. Le Coadic (2021) identifica no atual momento crises de diversas naturezas e sugere, entre outras, ações a seguinte: “no ensino, precisamos de preparar os estudantes para lidar com crises de informação em crises de saúde e crises sociais em geral” (LE COADIC, 2021, p.16, tradução nossa).

É urgente a construção de uma noção de desenvolvimento voltada para o aumento da liberdade humana, decorrente da

enorme restrição de liberdade engendrada pelo capitalismo desregulado, exacerbado pela pandemia. Nesse sentido, verifica-se através da perspectiva de Durkheim (1990), que a opinião pública precisa ser realmente considerada, caso contrário não acontece transformação. É importante ler as palavras do próprio autor:

A opinião, coisa social de primeira ordem, é, portanto, fonte de autoridade e podemos até nos perguntar se toda a autoridade não se origina da opinião. Objetar-se-á que a ciência muitas vezes é a antagonista da opinião cujos erros combate e retifica. Mas ela só terá êxito nisso se dispuser de suficiente autoridade e só poderá receber essa autoridade da própria opinião. Se um povo não tem fé na ciência todas as demonstrações científicas não terão influência sobre esses espíritos. Também hoje em dia, se a ciência vem a resistir a uma corrente muito forte da opinião pública, correrá o risco de com isso perder o seu crédito (DURKHEIM, 1990, p. 262-263).

Desse modo, percebe-se a educação como parte fundamental para a formação da opinião pública no sentido de uma emancipação cultural capaz de enfrentar o obscurantismo vivido no Brasil e em vários países nos últimos tempos. Levando-se em consideração as bibliotecas como integrantes da tríade, educação, cultura e saúde imprescindíveis para o bem-estar geral da população, a averiguação da formação, mercado de trabalho e identidade do bibliotecário, em tempos de pandemia, revela-se fundamental. Ainda de acordo com Durkheim (1990) a ciência, embora seja sempre incompleta e parcial, é a principal forma de inspiração e direcionamento para ação.

O estudo demonstrou que os bibliotecários são profissionais vinculados à dimensão educacional e cultural. Se se pensa apenas na dimensão informacional enquanto prática para incrementar o mercado de trabalho e possibilitar maior influência ou reconhecimento do profissional incorre-se

na transformação desses profissionais em algo que eles não são, como por exemplo os analistas da informação “um posto de trabalho usual nos serviços de crédito, mas não nas Bibliotecas” (PENA e CRIVELLARI, 2018, p. 4161).

O risco é acrescido com adesão desse modelo pelas escolas de formação dos bibliotecários, que seguem transformando os cursos em Gestão da Informação ou Ciência da Informação, dando ênfase a dimensão informacional e/ou tecnológica, subdimensionando as demais dimensões cultural e educacional que são parte essencial da identidade deste conjunto profissional. As transformações tecnológicas podem e tem sido incorporadas pelos profissionais e, de modo mais comedido, pelas escolas de formação. Mas isso não pode determinar a identidade da área, porque as escolas possuem um tempo distinto de adaptação ao contexto tecnológico e tampouco se restringem a reproduzir acriticamente conhecimentos e tecnologias visando adequação às demandas imediatas do setor produtivo, até porque atualmente como se demonstrou na introdução e nos dados trazidos por este estudo as empresas de tecnologia tem aumentado a precarização do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à professora Dra. Helena Maria Tarchi Crivellari pela supervisão do estágio de pós-doutorado e crítica a este trabalho durante o SITRE, e ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondonópolis por conceder liberação para a realização do estágio pós-doutoral.

REFERÊNCIAS

- BOLTANSKI, L. CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, 2002.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOYER, R. O capitalismo emerge consideravelmente fortalecido por esta pandemia. **Carta Maior**. Economia política, 2020. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editorial/Economia-Politica/Robert-Boyer-O-capitalismo-emerge-consideravelmente-fortalecido-por-esta-pandemia-/7/48900>. Acesso em: 13 nov. 2020. Entrevista de Antoine Reverchon.

BOYER, R.; CAROLI, Ê. **Changement de paradigme productif et rapport éducatif**: performances de croissance comparées France-Allemagne. Paris: INRA, Ronéotypé CEPREMAP. 1993.

CAVALCANTE, A.; CAMPOLINA, B. **Desafio e propostas para enfrentamento do COVID-19**: território, escala e planejamento. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2020.

CORIAT, B. **Pense, à l'envers**: travail e t organisation dans l'entreprise japonaise. Paris: Ed Christian Bourgois, 1991.

CORIAT, B. **Pensar pelo avesso**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CRIVELLARI, H. M. T. Gestão do conhecimento e codificação de saberes: novas ferramentas para velhas concepções. In: PAIN, Isis (Org.). **A gestão da informação e do conhecimento**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação/UFMG, 2003a. Cap. 09, p. 241-266.

CRIVELLARI, H. M. T. Relação educativa e formação profissional na ciência da informação. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da informação, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003b.

Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/306>. Acesso em: 03 dez. 2020.

CUNHA, M. B. O fechamento das bibliotecas e a urgência do acesso livre aos livros eletrônicos. **Revista Ibero-Americana De Ciência Da Informação**, v. 14, n. 1, p. 1–7, 2021.

Disponível em:

<https://doi.org/10.26512/rici.v14.n1.2021.35969>. Acesso em: 13 maio 2020.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam seu capital intelectual. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DIAS, E. W. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67-80, 2000.

DRUCKER, Peter F. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1994.

DRUCKER, Peter F. **O advento da nova organização**. In: *Gestão do conhecimento (Harvard Business Review)*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

DULCI, L. B. O bem viver numa perspectiva de integração campo-cidade. In: *Encontro de ensino, pesquisa e extensão em bibliotecas universitárias: trabalho, identidade e crise*, 1. **Anais...** Rondonópolis: UFR, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oH_Ve8Ubn0g. Acesso em: 01 abr. 2022.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 1990.

LANKES, D. Bibliotecários construindo o novo normal. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-6, mar. 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1573/1248>. Acesso em: 13 maio 2021.

- LE COADIC, Y. F. Pandémie du Covid-19 et crise d'information. **Informação em Pauta**, v. 6, n. especial, p. 9-23, 29 dez. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/78014/218005>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- LIMA, J. C. O trabalho digital e seus desafios: conhecimento e condicionantes da flexibilização do trabalho. In: TOMASI, A.; ROMAGNOLI, R. C. **Diálogos entre trabalho e educação: diálogos contemporâneos**. Belo Horizonte: JADesign, 2020.
- MAZZUCATO, M.. **O valor de tudo: produção e apropriação na economia global**. São Paulo: Portfólio, 2020.
- MUSSOLINI, R. Carta aberta dos discentes do curso de biblioteconomia (Escola de Ciência da Informação) em relação à proposta de reformulação do currículo. Belo Horizonte, 06 nov. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/456797114441884/permalink/2485826101538965/>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- NEHMY, R. M. Q.; PAIM, I. Gestão do conhecimento, a “doce barbárie”. In: PAIN, Isis (Org.). **A gestão da informação e do conhecimento**. Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação/UFMG, 2003. Cap. 10, p. 267-306.
- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.
- HORTON, R. Offline: COVID-19 is not a pandemic. **The Lancet**, v. 396, n. 10255, p. 874, set. 2020.
- OLIVEIRA, J. L. Ri.; CRIVELLARI, H. M. T. Reconhecimento e Estabilidade Profissional: estudo comparado entre bibliotecários, contadores e analistas de tecnologia da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANCIB, 2013.
- ORTEGA, C. D.; CARVALHO, Mda C. O papel da Bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, número especial, p. 36-64, jul. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362017000600036. Acesso em: 23 abr. 2021.
- ORTEGA, C. D. Bibliographical principles in Brazilian degree courses in Library Sciences: an analysis of the epistemological curricular specificity. **Bibliothecae.it**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 47-93, 2021. Disponível em: <https://bibliothecae.unibo.it/article/view/14067>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- PAULA, J. A. **Universidade é instrumento para emancipação ética humana**. [Entrevista cedida a] Ewerton Martins Ribeiro. **Boletim UFMG**, 07 set. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362017000600036. Acesso em: 07 mar. 2021.
- PAULA, R. S.de L.; SILVA, E. da; WOIDA, L. M. A inovação nas bibliotecas universitárias em tempo de pandemia da região norte do Brasil. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. e020032, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8661184>. Acesso em: 13 maio. 2021.
- PENA, A.de S.; CRIVELLARI, H. M. T ; NEVES, J. A. O mercado de trabalho do profissional: um estudo com base na RAIS comparando os anos de 1994 e 2004. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de**

produção, acesso e disseminação da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 207-218.

PENA, A. de S. Análise crítica do efeito da crise na composição do emprego do Bibliotecário no Brasil (2006 a 2016). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE TRABALHO, RELAÇÕES DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE, 7., 2018, Belo Horizonte: UFMG. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 21-38. Disponível em: <https://sitre.appos.org.br/wp-content/uploads/2017/08/GT19-%E2%80%93-Trabalho-e-forma%C3%A7%C3%A3o-profissional-nos-campos-da-informa%C3%A7%C3%A3o-e-cultura.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.

PENA, A. de S.; CRIVELLARI, H. M. T. O Bibliotecário na Classificação Brasileira de Ocupações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. **Anais...** Londrina: UEL, 2018. p. 4157-4163. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1231. Acesso em: 07 fev. 2022.

PEREIRA, F. C. M.; BARBOSA, R.R.; DUARTE, L. da C.. Integração entre gestão do conhecimento e business process management: perspectivas de profissionais em BPM. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.25, número 4, p. 170-191, dez/2020.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. As mudanças curriculares da Biblioteconomia brasileira e suas relações com a generificação da profissão bibliotecária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 20, p. e022008, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8668097>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SALDANHA, G. Ciência da Informação: crítica epistemológica e historiográfica.

Rio de Janeiro: IBICT, 2020

SANTOS, J. C. G. O procedimento de reabertura das bibliotecas após a quarentena: uma compilação das medidas de prevenção contra o novo coronavírus (SARS-CoV-2). **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, [S. l.], v. 10, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/20310>. Acesso em: 12 maio. 2021.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020b. Disponível em: <https://www.cpalsocial.org/documentos/927.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

SEN, A. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SPUDEIT, D.; SOUZA, C. (Org.). **Atuação de profissionais de arquivologia, biblioteconomia e museologia em época de pandemia.** Florianópolis: Rocha Gráfica, 2020.

TANUS, G. F.. S. C.; SÁNCHEZ-TARRAGO, N. Atividades e desafios das bibliotecas universitárias brasileiras durante a pandemia do COVID-19. SCIELO Preprints (pilot), 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/744>. Acesso em: 16 jun. 2020.

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG.** Belo Horizonte: [s.n.], 2008. Disponível em: <http://colgradbiblio.eci.ufmg.br/curso/projeto-pedagogico-1>. Acesso em: 10 maio 2021.

VIEIRA, A. S.; LIMA, E. A pós-graduação em Biblioteconomia: formação de uma liderança nacional. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 125-135, set.

1977.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 2009. (v. 2)

WELICHAN, D. S. P.; ROCHA, E. S. S. As bibliotecas diante de uma pandemia: atuação e planejamento devido a COVID-19. **Revista ACB**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 493-508, dez. 2020. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1700>. Acesso em: 13 maio 2021.

WOLFF, S. As Startups na perspectiva das cadeias globais de valores: financeirização dos trabalhos de inovação e a reinvenção do salário por peça. **Revista de Ciências Sociais: política & trabalho**, n. 51, jul./dez, p. 90-107. Disponível em: AS STARTUPS NA PERSPECTIVA DAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR: financeirização dos trabalhos de inovação e a reinvenção do salário por peça | REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO (ufpb.br). Acesso em: 07 dez. 2020.

RAIS. **Relação Anual das Informações Sociais**. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2020. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/pdet/index.asp>. Acesso em: 29 jan. 2023.

NOTAS

¹ Um dos indícios dessa forma de atuação é própria formação dos economistas. Segundo Mazzucato (2020) os próprios cursos mudaram a denominação e o enfoque da Economia Política para se tornarem Ciências Econômicas. Nessa direção, vale destacar a concepção de Dulci (2021) ao mencionar que nos cursos de economia predominam professores homens, resultando em uma forte presença da ideologia neoliberal.

² Robert Boyer é um dos fundadores da “Escola da Regulação” nos anos 1970, com pesquisas em várias partes do mundo. Portanto, trata-se de um pesquisador experiente com mais de 50 anos dedicados a estudar várias questões relacionadas ao campo da economia contemplando análises das ciências sociais num sentido mais amplo.

³ Segundo Paula (2019) a crise de 2008 ainda não foi superada e atravessada pela pandemia trouxe questões novas, demonstrando que a ideologia

neoliberal é insuficiente para explicar os dilemas humanos e não resolvem os vários desdobramentos da crise em termos ambientais, fome, desertificação, violência etnoracial etc.

⁴ A experiência se deu durante período de estágio pós-doutoral. Atuei como professor convidado da disciplina de Planejamento de Unidades e Sistemas de Informação, ministrada pela professora Dra. Helena Maria Tarchi Crivellari, entre os meses de agosto e novembro de 2020, para os alunos do 4º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

⁵ Para Weber (2009) ocupar um cargo em organização burocrática, tal como no Estado ou em grandes empresas, garante uma estima social aos funcionários. De modo complementar, é possível notar em Sen (2000) que uma boa inserção no mercado de trabalho auxilia sobremaneira no processo de ampliação das liberdades tanto dos homens quanto das mulheres.

⁶ Analistas de tecnologias da informação, também conhecidos como analistas de sistema lidam diretamente com o trabalho relacionado à informática. É uma formação de nível superior enquanto os analistas de informação não são considerados um grupo profissional *per se*. São ocupações de ensino médio cuja atribuição é distinta do analista de tecnologia da informação.

⁷ Nos termos de Bourdieu (2012, p.149): “É a raridade simbólica do título no espaço dos nomes de profissão que tende a comandar a retribuição da profissão (e não a relação entre a oferta e a procura de uma certa forma de trabalho)”.

⁸ Foi possível observar nas referências bibliográficas vários autores da área de gestão, tais como: Nonaka e Takeuchi (1997); Davenport e Prusak (1998); Ducker (2000).

⁹ Segundo Bondía (2002) o saber provém mais da experiência do que da informação. “A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. (BONDIA, 2002, p. 22).